ANO 3.º LISBOA--QUINTA-FEIRA, 20 DE MARÇO DE 1924 N.º 904

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

A COMISSÃO promotora da homenagem nacional a Alfredo Keil, á frente da qual se encontra o nosso ilustre amigo e grande benemerito de Cintra sr. Adriano Coelho, fixou, para o dia 30 do corrente, um concerto no Politeama, sob a regencia do maestro Fão, em que apenas serão executadas obras do insigne compositor, algumas das quais ineditas, como a sinfonia da opera *India*, que Keil não chegou a concluir.

Para esta *matinée* de musica portuguesa, em que colaboram artistas de S. Carlos, cedidos pela empresa Casali, e cujo produto se destina ao monumento a Keil, que será feito por Teixeira Lopes, já ha inumeros pedidos de bilhetes, que se encontram á venda na bilheteira do Politeama e na Tabacaria Costa, rua Aurea, n.º 295.

Assim se vão exumando de esquecimento alguns portugueses que, como Keil, tanto honraram a sua Patria.

* * *

O DONO do predio que desabou é um policia do serviço moderado — Julio Cesar — que mora na Pampulha. Fomos encontrá-lo, consternado, a contemplar as ruinas.

Comprara-o por 7 contos, ha 4 anos e meio aos filhos de um oficial de marinha já falecido. Mandara-o reparar por fora e, ha um ano, voltou a fazer obras:

— Nunca pensei que acontecesse uma coisa destas. Não é pelo predio que eu estou triste. E' pelos desgraçadinhos que morreram... Porque a gente, emquanto houver vida e saude, sempre se vai governando...

* * *

A *TEORIA da Educação*, do professor da Universidade de Messina, João Cesca, foi vertida do original italiano por Arlindo Varela e editada pela Empreza Literaria Fluminense.

E' uma obra em que as questões relativas á formação educativa da mocidade são tratadas de maneira a torna-las acessiveis a todos os leitores cultos.

Bom será que, entre nós, encontre uma larga e proveitosa divulgação.

* * *

VITORINO Nemesio lançou aos acasos da fortuna o seu primeiro livro, se não estamos em erro. E' um livro de contos—*Paço do Milhafre*, com um prefacio de Lopes Vieira e um desenho de Eva Aggerholm. A edição, magnifica, saiu das oficinas da imprensa da Universidade de Coimbra. Não nos arrependeremos nunca de escrever isto—Vitorino Nemesio ha de ser um dos maiores nomes literarios da sua geração. O *Paço do Milhafre* garante o seu triunfo.

* * *

LUÍS de Almeida Braga, o artista admiravel do «Pão Alheio» e de «O Mar Tenebroso», acaba de publicar «O significado nacional da obra de Camilo», interessante conferencia realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A edição, muito cuidada, é da Livraria Portugalia.

* * *

CARVALHO Henriques, na sua novela *A Profecia* ou *O Misterio da Morte de Tut-Ank-Amon*, de que em tempos publicámos um trecho, mostrou possuir uma coisa rara nos nossos escritores—imaginação. Não se aborrecerá de certo quem ler o livro em que ele, com o *frisson* da modernidade, desvenda os misterios do Vale do Nilo.

Dinheiro

As nações atravessam um periodo interessante para quem queira estudar a maneira como elas sobem ou descem, dentro da civilização, mas oscilando entre a liberdade e o fatalismo.

Actualmente o regulador dos seus destinos é o dinheiro.

Dantes dizia-se que havia povos devedores e povos credores, sem que daqui se deduzisse qualquer superioridade politica para estes.

A libra e o *dollar*, nesta paz odiosa que saiu da grande guerra, como lady Macbeth da noite do seu crime, assumiram um predominio que é bem mais intoleravel que o peor dos despotismos.

O cambio manda, governa, julga, condena e enforca. Que valem clamores e revoltas contra ele? Que vontade cega ou inteligente o guía?

A vida moderna alargou-se complicou-se, internacionalizou-se. Portugal tem o seu territorio separado, uma Constituição que organiza a vida dos cidadãos, no seio do Estado.

Economica e financeiramente, porem, ele extralimita-se, prendendo-se como um vassalo ao carro dos potentados que hoje governam o orbe. A nossa moeda tem perdido, nos ultimos anos, o seu ser, a sua substancia. A' medida que aumenta a circulação fiduciaria, o seu valor deperece. O nosso mercado de moedas encontra-se pobre de oiro, mercê de varias causas — diminuição das exportações, depositos ou emprego de capitais no estrangeiro, especulações de varia indole, redução nas remessas dos portugueses expatriados, etc. Perante a libra, prospera, cubiçada e acatada, o nosso escudo é um autentico paria.

Condenado a viver dentro das fronteiras, como um passaro na gaiola, sente-se votado á escravidão. Não será possivel rejuvenesce-lo, retira-lo do numero das moedas degradadas?

Embora esta pergunta seja frequente entre portugueses, poucos são os que se dão ao incomodo de responder-lhe cabalmente. Terá ele de morrer ignominiosamente, incapaz de acompanhar as transacções?

Se não tratarmos de lhe acudir, travando a marcha descendente do cambio, os seus dias estão contados. Do marco chegou a dizer-se que era uma miragem em que só acreditavam os alemães.

Por fim, estes convenceram-se tambem da sua inutilidade, votando ao esquecimento um sinal monetario que já nada valia.

Quereremos nós aproveitar o seu exemplo? Afastemos para longe tal pensamento. A nossa obrigação é defender o escudo como significando a nossa salvação financeira.

Os alemães contam com a sua industria para se refazerem.

Desde que se descubra uma solução para o problema das reparações, que não deve estar longe, a sua moeda voltará ao perdido equilibrio. Mas nós, como haveriamos de dar um sucessor ao escudo, caso o abandonassemos á logica fatal dos acontecimentos?

Flôr entre ruinas...

Celeste Vieira, uma das sobreviventes da cataştrofe de Campolide, fotografada no local do desastre

EM Lisboa, têm-se construido predios que, desde o seu acabamento, ameaçam ruina. Emquanto tal se não dá, são habitados por craaturas que se resignam a ser felizes, sob telhas tão perigosas.

Os senhorios recebem as respectivas rendas, o Estado e o municipio cobram as suas contribuições...

Com esta febre de algibeirar, ninguem se lembra de proteger os desgraçados contra a ratoeira em que se meteram.

Um dia vem a desgraça e lá ficam nos escombros doze mortos, sem contar os feridos. De quem a culpa? Vão lá sabê-lo... Numa terra em que os culpados são tantos não ha tempo para os distinguir. E mesmo que houvesse, ha sempre meio de dissolver as responsabilidades, dada a brandura dos nossos costumes.

* * *

GABRIELE d'Annunzio dirigiu ao director das *Nouvelles Litteraires* um protesto contra a violencia de que foi vitima Unamuno.

Recortamos este periodo:

— «A luminosa Espanha das nossas recordações aparece-nos hoje como um pobre país apagado.»

Realmente, Primo de Rivera, manifestando-se incompativel com a liberdade da critica e da opinião, fez da sua ditadura a sombra de toda a Espanha.

* * *

VOLTAIRE vai ressurgindo aos pedaços depois do aparecimento do seu coração na Biblioteca Nacional de Paris, um descendente do farmaceutico Mithouard entregou á *Comedie Française* o cerebro do autor de *Candide*, encerrado numa urna de cristal.

Felizmente que o seu espirito está nas suas obras e estas no espirito de muita gente, aliás apareceria quem se julgasse proprietario ou depositario de algumas fracções.

* * *

UMA importante empresa cinematografica estranjeira está transaccionando com o conhecido escritor sr. Francisco Manuel Cabral Metelo a compra dum dos seus originais de teatro para adaptação ao cinema. A acção do *film* passa-se em França, Portugal e America.

* * *

REAPARECEU ontem o nosso presado colega *O Dia*, que continua sob a direcção do jornalista ilustre que é o sr. Moreira de Almeida.

Desejamos-lhe as maiores prosperidades.

* * *

O JUIZ dr. Ferreira de Sousa, que fez o seu nome no Tribunal de Defesa Social, vai ser nomeado secretario de legação num dos primeiros postos diplomaticos representativos de Portugal.

* * *

O BRILHANTE economista sr. Domingos Pires Barreira, realiza no proximo domingo, pelas 21 horas, na Universidade Livre, uma conferencia intitulada: *Problemas Economicas e de Fomento.*

* * *

FOTO-SPORT é o nome duma interessante revista quinzenal ilustrada que acaba de aparecer. E' dirigida por A. de Campos Junior e J. Pinto de Almeida e apresenta-se com um belo aspecto.

A musica

Concerto Luís Barbosa

Afirmar que a tarde de domingo no teatro Politeama foi a hora de Arte mais marcante desta temporada musical—é uma incontestavel verdade e um preito de justiça.

A festa de homenagem ao eximio «virtuose» Luís Barbosa teve a glorificá-la a forma entusiastica, vibrante e arrebatadora, com que a assistencia aplaudiu a maravilhosa interpretação que Luís Barbosa deu ás peças executadas. E' necessario que Portugal e depois o estrangeiro conheça esta grande alma de artista; que todos nós, os amadores de musica e os que têm a seu cargo a critica, apontem á multidão o modesto nome de Luís Barbosa como sendo um dos nossos maiores artistas.

O concerto de Max Bruck, para orquestra e violino, teve por parte do insigne violinista a mais perfeita, quasi que sublime execução de tecnica e de som. Este concerto, de uma dificuldade transcendente, raras vezes se pode ouvir, pois raros são os artistas que o podem tocar; a sua execução, quando minuciosa, representa por parte do artista um estudo de muitos anos, persistente, ininterrupto. E foi como resultado desse trabalho, aliado a uma grande tenacidade e a um grande e vigoroso temperamento musical—que Luís Barbosa nos deu o prazer de ouvir o concerto de Bruck com uma interpretação tão magistral que, noutro país, lhe daria um nome mundial.

Quem escreve estas linhas ouviu ainda ha pouco Kreisler. Este celebre violinista se escutasse o concerto de Bruck tocado por Luis Barbosa, admirar-se-ia, decerto, que o nosso compatriota já não tivesse percorridos os grandes centros musicais do estrangeiro.

E entretanto vimos este sintoma desolador: os nossos musicographos, os criticos dos grandes jornais da manhã, a élite da nossa intelectualidade musical — salvo raras excepções — não acorreu a ouvir o nosso artista. A extranha modestia de Luís Barbosa lhes perdoará.

Na terceira parte do concerto, Luís Barbosa demonstrou-nos com a execução das «Variações sobre uma gavote de Corelli», «Motua Perpetuo» e «Dança das Bruxas» a grande agilidade com que guia o seu arco, tirando a maior soma de efeitos. A assistencia dominada, num louco entusiasmo, tributou ao Luís Barbosa uma colossal ovação.

Completando o programa tivemos a 5.ª sinfonia de Beethoven, a abertura no «Navio Fantasma» e a marcha «Rayser» de Wagner, a que a orquestra, sob a regencia do ilustre maestro Fernandes Fão, imprimiu a maior belesa de execução e interpretação. A assistencia, envolvendo nas grandes ovações o eximio maestro, compreendeu a forma impecavel como foram dirigidas as peças para orquestra e violino. — *J. S.*

Recital Gallignani

Lembram-se de Gallignani? Foi um artista que haverá talvez um mês soube mostrar em dois recitaes memoraveis, realisados na Liga Naval, que o contrabaixo pode encerrar a dentro do seu seio todos os segredos de harmonia que nós só julgavamos possiveis de exprimir pela voz privilegiada do violino. Gallignani arranca do seu instrumento todos os efeitos de sonoridade, todas as «nuances» de sentimento que jamais dele alguem pudera esperar. Gallignani é o Paganini do contrabaixo. Em vesperas de partir para o prosseguimento da sua «tournée», resolveu o grande artista revelar ainda ao publico de Lisboa mais algumas maravilhas encantadas do seu genio. Far-se-ha por isso ouvir ainda na proxima sexta-feira, 21, ás 9 da noite, no Salão do Conservatorio, num novo e ultimo concerto, em que se despedirá do publico de Lisboa, e para o qual organisou um programa sensacional.

Para se avaliar da importancia desse programa, basta dizer que nele figura o «Gran Duo», de Bottesini, para contrabaixo e violino, especie de dialogo do *lobo e o cordeiro*, que vai ser pelo imprevisto e pela elevação estetica da sua essencia, o «clou» deste concerto. A parte de violino está a cargo do nosso grande artista Luiz Barbosa.

Oliva Guerra

No Coliseu dos Recreios

Os magnificos espectaculos da nova companhia de circo

Os espectaculos do Coliseu dos Recreios a que o publico nunca falta, pela sua variedade, pela sua arte, pela sua graça e pela sua economia, são interessantissimos porque a nova companhia de circo é composta pelos artistas do genero mais celebres que se têm apresentado nos circos estrangeiros, onde têm sido aplaudidissimos. As gentis Irmãs Lecusson, quatro formosas raparigas notaveis acrobatas saltadoras, estão chamando a atenção dos frequentadores do Coliseu pelos seus magnificos e valiosos trabalhos que são todas as noites coroados de vibrantes ovações.

TEATRO SÃO LUIZ
CONCERTOS BLANCH
DOMINGO, 23 MATINÉE
Definitivamente ultimo concerto desta epoca da
ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUESA
dirigida pelo «Kapellmeister»
JOSEPH LASSALLE
em que será executada em 1.º e unica audição, a celebre obra sinfonica de Max Schillings
A CANÇÃO DA BRUXA
com versos de Ernst Von Wildenbruch, tradução de Silva Tavares, ditos pelo actor Alexandre de Azevedo; e a pedido, pela ultima vez, a extraordinaria «1.ª Sinfonia», de Mahler — A «Sinfonia incompleta» de Schubert e «Leonora» de Beethoven. Bilhetes á venda.

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

TAUROMAQUIA

A morte

de Fernando de Oliveira

descrita por Augusto de Lacerda

A subscrição para a lapide do grande cavaleiro

Do ilustre dramaturgo sr. Augusto de Lacerda recebemos a seguinte carta:

Meu caro Norberto de Araujo: — Acabo de ler o seu interessante artigo «A morte tragica de Fernando de Oliveira». Impressionou-me profundamente, creia.

Fui da «aficion», ao tempo em que ainda havia quem soubesse ver touros. Colaborei até, — não se admire, — com Marcelino Mesquita, Fialho e outros tambem de envergadura literaria, num jornal, «Sol e Sombra», — o que de melhor tem havido no genero em Portugal, — dirigido por dois mestres em critica taurina: Artur Teles e Segismundo Costa, ambos retirados de tais «lides», desde ha muito.

Como quasi toda a «sombra» que se prezava, fui «fernandista», não por amizade ou ferrenho «parti-pris», mas por encontrar em Fernando de Oliveira a soma de faculdades que outros só parcialmente me apresentavam. Assisti á tragedia, não na barreira, — logar que deixara de frequentar pela dispersão de antigos companheiros, — mas num «fauteuil» que tinha passado a ocupar no sector 2, em frente do touril, ficando-me habitualmente á direita o dr. Carlos Tavares, aquele adoravel cavaqueador.

Testemunha presencial do caso, admiro como v. o reconstituiu com tal abundancia de pormenores. Note que isto não é pretexto para devassar-lhe a certidão de idade, a indagar se tambem teria sido testemunha, já em completo uso de razão, ou se para o seu artigo haveria curado apenas por informações, embora muito acertadas...

Naquela mesma tarde, á entrada para a praça, troquei breves palavras com o «Fernandinho», que costumava tratar todos os amigos por compadres. O nervosismo que v. lhe atribue, e que datava desde algum tempo, exacerbara-se pela repetição de remoques varios, e do mau gosto, no periodico taurino a que v. tambem se refere. Já não existia então o «Sol e Sombra»...

Conhecc por certo «Sangre y Arena». Pois da vincada impressão que este livro me deixou não consigo nunca separar a recordação daquela tarde fatal. A «mala pata»...

Quando soltaram o possante cornupeto, e a sorte á tira falhou, não creio em que o Fernando ficasse mais malhumorado. Tinha teorias especiais sobre aquele genero de sorte de gaiola; substituira-o até por inestetica sorte á garupa, mesmo á beira do touril, — o que lhe custou não pequenas discussões com amigos, sendo poderosa arma de ataque nas apreciações dos inimigos.

O que por certo lhe aumentára o nervosismo foram os ditos vindos de um grupo formado por gente do tal periodico taurino, e que assentava arraiais na barreira do sector á direita do touril.

Quando o Fernando, já um tanto desorientado, largou pela frente daquele grupo para a apertada meia-volta, saiu de lá uma voz: — «Esta marco eu!» Ao que ele teria respondido, na carreira: — «Tambem eu, e mais algumas!»

A colhida veio dar-se em frente da porta dos cabrestos, não precisamente por Fernando haver consentido o touro em demasia, mas pela absoluta falta de espaço para um remate a limpo, com animal sabido, arrancando pela certa, e que no aperto se viu inteiramente senhor do terreno.

Foi a violenta arremetida, bastante de alto e sobre a anca da montada, que fez ir esta abaixo, ao mesmo tempo que o cavaleiro lhe saia pela cabeça, caindo-lhe na frente, de costas na arena, e sem ter soltado da mão as redeas. Emquanto os capotes não chegaram, — uma eternidade aqueles segundos! — o touro, abandonando o cavalo, investiu para Fernando, que tentava erguer-se sobre os cotovelos, e vibrou-lhe uma marrada no occipital, ou com o testuz, ou, segundo me pareceu, com a bola da arma direita.

Fernando largou as redeas, ficando sem movimento, a boca aberta, a lingua pendente. E logo Carlos Tavares, que se erguera, seguindo através do binoculo o rapido lance, voltou-se para mim, exclamando:

— «E' homem morto!»

E acertára. Com ele corri á enfermaria, e entrei no piedoso grupo que o acompanhou ao hospital, aonde chegou já cadaver. Assim morreu um dos mais sabedores e prestigiosos cavaleiros portugueses, um dos raros profissionais «doublé» de homem de sociedade, caracter limpido e coração á bondade afeito.

Fez-me perder o amor á «aficion» aquela terrivel «mala pata». — «Mardita sea!» como dizia o «Juan Gallardo», de Blasco Ibañez.

E aqui tem, meu caro Norberto de Araujo, os laivos de cavaqueira que me suscitou o seu artigo tão brilhante. Por ele o felicito. E deixe tambem que lh'o agradeça: — fez-me recordar; o mesmo foi que rejuvenescer-me, embora tristemente...

Camarada e amigo certo — *Augusto de Lacerda.*

O esculptor Costa Mota

está trabalhando o bronze

A ideia da colocação duma lapide e bronze recordando o fim tragico de Fernando de Oliveira, iniciativa lançada nas nossas colunas, mereceu o melhor acolhimento dos amigos e admiradores do desditoso cavaleiro.

O escultor Costa Mota (Sob.º) está trabalhando o bronze que se descerrará na Praça do Campo em 12 de Maio, data do infausto sucesso, e em recolhida cerimonia que será uma simples e sincera recordação em memoria de Fernando.

Agora, que se agitam e relembram os grandes triunfos do elegante cavaleiro português, é oportuno recordar que tambem em Espanha o seu nome foi festejado, merecendo a Sanchez de Neira, mestre da critica, a seguinte apreciação em «La Lidia»: Cuanto a Oliveira, gallardo joven que nasció en Benavente hace 33 años, todo cuanto se diga en su elogio es poco. Con singular maestria, haciendo gala de ser un consumado caballero, clavó de cerca y con sólo das salidas falsas, por parte del toro y una por desviacion del caballo, siete palos altos, a toda ley, salindo de la reunion con gran serenidad y compostura»

Esta corrida foi em Madrid, em 27 de Outubro de 1892 e Fernando, convalescente duma febre tifoide e com proibição medica de tourear, tomou parte nela com Tinoco, D. Luiz do Rego e Manuel Casimiro.

Damos nota de donativos recebidos nesta administração e na tabacaria Estrela Polar, faltando as das listas da Casa Batalha e do Club Tauromaquico.

João Cruz Gonçalves, 20$00; O. de Carvalho, 40$00; Cavaleiro Antonio Luiz Lopes, 200$00; Carlos de Abreu, 10$00; Pedro Bordalo Pinheiro, 20$00 Rogerio Garcia Pérez, 20$00; Manzoni de Sequeira, 20$00; Gomes Barbosa, 20$00; Antonio Stubs de Lacerda, 10$00; Alberto Totta, 20$00; José Augusto Brito, 15$00; Eugenio Pires, 10$00; Pedro Lapa, 50$00; D. João Lencastre, 10$00; D. José Anadia, 10$00; Gerardo Leblic, 10$00; Jorge Graça, 20$00; D. Ruy da Camara, 20$00; D. José de Mascarenhas, 20$00; João Perestrelo de Vasconcelos, 25$00; Dr. Raul Pires, 20$00; Carlos Afonso Viana, 20$00; Augusto Vaz Monteiro, 20$00; José Martinho Alves do Rio, 50$00; Anonimo, 10$00; Carlos Rodrigues Pinhão, 10$00; J. Alves, 10$00; Alvaro Leal, 10$00; Leopoldo Ferreira, 2$50; Estevam Pimentel, 20$00; Guilherme Pereira de Carvalho, 50$00.

O sr. Carlos de Ornelas enviou vinte escudos e a declaração de reverter para o mesmo fim 25 0/0 da venda do numero 8 da «Grande Novela», constituido por um trabalho de «El Terrible Pérez» — «José Luiz «El Portugués» (historia dum noivilheiro lusitano) — que será acompanhada por uma separata ilustrada da cronica de Norberto de Araujo sobre a morte de Fernando de Oliveira.

CARTEIRAS MALAS, PASTAS, EM FINAS QUALIDADES DE PELES
* * * LETRAS E MONOGRAMAS * * *
BASTOS SILVA, L.da * * * R. S. Nicolau, 81

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Baronesa de Resende, D. Arminda Machado Talone da Costa e Silva, D. Maria dos Prazeres de Castro Figueiredo, D. Maria Herminia de Castro Monteiro, D. Maria Benedita Cabral, D. Henriqueta Alvares Pereira de Melo (Cadaval), D. Stela de Lencastre Laboreiro Fiuza, D. Maria Izilda de Betencourt Sieuve de Menezes e D. Maria Luisa Rosa da Costa.

E os senhores:

D. Carlos de Sousa Coutinho (Linhares), dr. D. Antonio Pereira de Sampayo Forjaz Pimentel, Antonio de Melo Campelo, José da Costa Menezes Pinto Cardoso, Carlos de Oliveira de Sousa Leal e Macario José da Cunha Pinto Cardoso.

Casamentos

Na parcquial igreja de Santa Maria, em Sintra, realizou-se ontem o casamento da sr.ª D. Carolina Correia de Sá (Asseca), gentilissima filha dos srs. viscondes de Asseca, com o sr. Miguel de Sá Paes do Amaral (Anadia), filho dos srs. condes de Anadia, já falecidos.

Serviram de madrinhas as sr.as condessa de Seisal (D. Maria) e D. Luisa de Sousa e Holstein Beck Correia de Sá (Asseca), avó e cunhada da noiva e de padrinhos os srs. conde de Arge e José de Sá Pais do Amaral (Anadia), tio e irmão do noivo.

Celebrou o acto o reverendo prior da freguesia que antes da missa fez uma comovente alocução. Durante a missa foram executados por uma orquestra de que faziam parte os dois brilhantes artistas D. Francisco Benetó e D. Carlos Quillez, varios trechos de musica sagra.

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

O sr. Dom Manuel de Bragança fez-se representar na cerimonia pelo sr. conde de Tarouca.

Terminado o acto religioso foi servido no magnifico palacete da quinta Vigia, residencia dos srs. viscondes de Asseca, pais da noiva, no vasto salão de mesa, que se encontrava artisticamente ornamentado, com grande profusão de flores, castiçais e pratas, um finissimo almoço.

Os noivos partiram para a sua casa em Mangualde, onde foram passar a lua mel.

Na «corbeille» via se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

A caridade

No S. Luiz

Damos a seguir mais os seguintes nomes das pessoas que assistiram ás duas brilhantes recitas de caridade que se realisaram no teatro S. Luiz em beneficio das «Florinhas da Rua».

D. Margarida da Mota Canavarro, D. Julieta Pereira Leite e filha; D. Maria Margarida da Mota Marques Soares Leite, D. Maria Margarida Canavarro Fernandes Costa, D. Julia Mendes Fernandes Costa, D. Julia Serodio, D. Adelaide da Silva Leitão Pereira da Cruz, D. Amelia Burnay Morales de los Rios Leitão, D. Carmen Burnay Morales de los Rios de Castro, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Catarina de Melo e Castro de Vilhena Sousa Rego, D. Maria Francisca da Camara Ferreira Pinto Basto, D. Vera Ferreira Pinto de Castelo Branco, D. Olga Ferreira Pinto de Lencastre, D. Maria Teresa Perestrelo d'Orey Ferreira Pinto, D. Maria das Dôres Cisneiros Machado da Cruz (Queluz) e filha, D. Ester Machado da Cruz de Oliveira Duarte D. Gardina Andressen Leitão, D. Mary Andressen de Bregaro, madame Andressen da Costa e filhas, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Tergal e filha, D. Antonia Taborda de Couto Brandão de Melo, D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita e filhas, D. Amelia de Sampayo de Melo e Castro e filha, D. Teresa de Meneses Fita e Castro, D. Ana Cabral da Silva e filhas, D. Maria Emiliana Cabral da Silva Ramalho, D. Arcelina Moreira dos Santos Medeiros, D. Ana da Camara de Bragança, D. Maria Rufina de Abreu Baptista, D. Maria Alice de Abreu Baptista Germond de Oliveira, D. Ana Ahrens de Novais e filhas, D. Maria Benedita da Costa Campos de Castro e Sola, D. Matilde Deslandes, D. Luisa Deslandes Blanch, D. Margarida Deslandes e filhas, D. Maria da Conceição de Abreu Baptista, D. Luisa de Sá Pais de Amaral (Anadia), D. Arcelina Valente Moreira (Taboeira), D. Maria José da Silva Carvalho Santos, D. Maria Antonia de Saldanha Marrecas Franco, D. Maria Adelaide Burnay Soares Cardoso (Marco), D. Judite Benjamim Pinto, D. Maria Luisa e D. Maria Henrique de Lancastre (Aleaçovas), D. Leonor Gomes Amzalack e filhas, D. Adelaide de Aguiar, D. Maria Isabel Burnay de Melo Breyner, D. Alda Trigoso de Almeida Santos, D. Teresa da Cunha de Mendonça e Menezes (Olhão), D. Berta Cambo, D. Natalia e D. Orovida Cohen Zagury, D. Virginia Luisa Cardoso, etc., etc.

Ceia de homenagem

No fim da primeira das recitas de caridade que se realisaram no teatro de S. Luiz, foi oferecido aos notaveis amadores sr.º D. Eulalia Sélles de Sande e Castro e sr. Antonio Paes de Sande e Castro, os dois principais interpretes da engraçada zarzuela chica «El pobre Valbuena», uma finissima ceia, no «Restaurant Garrett», a qual foram convivas, além dos dois insignes amadores as sr.as:

D. Maria José da Barros Belmarço, D. Suzana Ayres de Castro, D. Maria Pinheiro Catarino Lima, D. Margarida de Barros Pereira de Carvalho Crato, D. Alice de Barros Pereira de Carvalho de Brion e D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho.

E os srs.:

Dr. Anibal de Castro, José de Carvalho Crato, Licinio Catarino Lima, Hugo Navarro de Andrade Belmarço, Nuno de Brion, Guilherme de Barros Pereira de Carvalho e Carlos de Vasconcelos e Sá.

A ceia decorreu sempre debaixo da maior animação e alegria, terminando perto das cinco horas da madrugada.

Recitas elegantes

Começam ámanhã no teatro da Trindade, as recitas da notavel companhia francesa de que fazem parte os brilhantes artistas societarios da Comédie Française, Robinne e Alexandre, sendo a peça de estreia a magnifica peça de Alexandre Dumas, filho, «Francillon».

As noites de ámanhã em deante no teatro da Trindade, vão ser decerto revestidas de grande brilhantismo, pois os principaes logares estão ocupados por tudo que de melhor conta a nossa aristocracia.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará amanhã «rendez-vous», de tarde, nas «matinées» do Salão Foz e Chiado Terrasse e, á noite, no teatro de São Luiz, recita da moda, com a ultima representação da engraçada opereta «Os 28 dias de Clarinha», e no teatro da Trindade, primeira recita de assinatura da companhia francesa Robinne-Alexandre, com a peça «Francillon».

Em viagem

De visita ás suas propriedades do Douro, partiu ha dias com sua esposa a senhora D. Berta Goulart de Sousa Caldas Ferte, o meretissimo juiz da Relação da Beira (Africa Oriental), sr. dr. Luiz Forte.

OPINIÕES LIVRES

PAGINA
DE QUINTA-FEIRA
POR NORBERTO DE ARAUJO

OS OLHOS COM QUE SE VE A CIDADE. — D'ANNUNZIO, UNAMUNO, PRIMO DE RIVERA. — COMO ESCREVE AGORA O SR. RAUL PROENÇA. — DEUS! — OS CORVOS DE CAMILO

Durante os meses em que deixei de escrever estas «Paginas de quinta-feira» produziram-se no *Diario de Lisboa* dois acontecimentos: o aparecimento dos livros dos meus camaradas Joaquim Manso e Artur Portela. Podia ter passado por esta casa tudo quanto ha de grande e de compensador na imprensa e na obra de jornalistas, que não teria passado nada se alguns deles não tivessem atirado para o definitivo alguma coisa do que fixaram por instantes.

Fulgor das Cidades e *Tudo Amor* são a mesma contemplação vista por olhos diferentes. Num, a cidade é uma grande rua com edificios e almas, erguendo pensamentos da cupula dos seus minaretes e ideias tranquilas da propria crosta dos tumultos. No outro, é um bazar magnifico e rutilante, onde até as sombras têm côr. Num, o fulgor das praças publicas inspira comentarios, profundos como desgostos, e ironias delicadas, como ilusões. No outro é tudo pretexto inocente para cantar a vida, a belesa da vida, a função gloriosa de viver, na imaginação das tragedias. Para um, Amor é um sorriso descarnado, pelota que se rompeu nos safanões das experiencias. Para outro, uma grande boneca, com lagrimas—que a boneca não chorou.

Nada mais grato ao meu espirito do que ver dois homens salvarem da queima dos jornais uma parte da sua propria individualidade.

Para que haja quem leia as belas paginas dos que no jornalismo não fazem senão onda, ou, nele apenas mercadejam sentenças, são precisos os anonimos do dia a dia, que arroteiam o terreno duro dos acontecimentos, a assegurar o alimento da curiosidade a vinte, trinta, oitenta mil leitores. Para que se leia a cronica elegante, que ninguem leria, é preciso que o jornalista trace a entrevista e a noticia—que todos buscam.

Estes dois camaradas meus, tão opostos pela educação, pelo sentimento, pelo feitio, pela idade—são afinal irmãos. Ai de muitos, no dia em que esta familia toda se reunisse, e expulsasse do patamar da escada aqueles que nela instalaram a sua tenda de bugigangas de *marafim*!

* * *

A *Seara Nova*, que é uma publicação de intelectuais, orgão de um «edificio moral» de politica e de renovação nacional — trazia no ultimo numero um artigo, intitulado *Ditadura*, de onde me permito rocortar estes periodos:

«Sendo, pois, em grande parte verdadeiro que Portugal é um país de *burros*, devendo, porém, acrescentar-se que *zurram* por vezes com talento.»

Assim tal qual.

«As ideias, *até certo ponto*, são criadores, *olá se são*, digam o que disserem os que não acreditam na eficacia das ideias, que são talvez os idiotas. Ora as *nossas ideas*, repito, estão a chocar o ditador. Mais dia, menos dia... *põem-se* para aí a inchar como *grêlo de alface*, e todos nós *parimos* o Messias.»

Não está certo. O sr. Raul Proença, pessoa por quem tenho uma sincera admiração e que é um espirito culto — não tem o direito de comprometer assim os seus proprios propositos. Não está certo, nem pela falta de gramatica, nem pela falta de elevação.

* * *

E a proposito. Falou-se ultimamente muito no grupo dos «Homens Livres».

Homens livres!

No dia em que o homem começasse definitivamente a ser livre — deixaria tambem definitivamente de ser homem.

* * *

Os teatros já não têm cartazes. Uma nova contribuição, de caracter proibitivo indirecto, levou as empresas áquela resolução. Por quanto tempo?

Pobres artistas!

O cartaz para todos eles era a maior alegria da popularidade. Para os humildes, mesmo, era a unica. No palco as palmas não dão por eles, e no jornal os criticos não os conhecem.

Se o cartaz desaparecesse definitivamente da vida da cidade, iria com ele alguma coisa da propria alma dos que trabalham arte. Ia com ele um pouco da alegria que vive na mentira convencional dos adjectivos, e que sabe bem ler, mesmo a quem os conhece por dentro e por fóra. «Extraordinario sucesso»!

E' ás vezes o unico que é possivel encontrar, e mesmo que ele leve uma ironia na sua tinta vermelha, a verdade é que sempre fala alto, sempre sobe ao ceu, sempre sacode a memoria, como um pregão de fé. «Artista eminente»! Quanto artista humilde leva toda a sua vida a sonhar com aquelas letras garrafais, por debaixo do nome dos emprezarios!

Se acaba o cartaz, não é apenas um grito de côr e de revolta alacre que se perde na face cada vez mais sonambula das praças publicas. E' tambem um sonho a menos nas cabeças, cada vez mais desiludidas, dos grilhetas da arte portuguesa.

* * *

Na tragedia desta madrugada, em Campolide, morreram quasi exclusivamente crianças. Crianças pequeninas, que estariam a sonhar naquela idade em que os felizes sonham sempre com um sorriso nos labios. Quem tivesse coragem de contemplar o quadro, não deixaria, diante dele, de erguer uma blasfemia contra o Ceu.

Dir-se-hia que Deus se esquece ás vezes de quem é e se volta então para os inocentes, para provar que ainda existe.

* * *

Tem-se escrito nos ultimos dias bastante sobre Camilo. Camiló, mesmo do alto da sua tragedia, tem servido de largo pasto a toda a sorte de especuladores das letras e de oportunistas do seu reclame. Acredito nalguns apaixonados do solitario de Seide. Acredito na sinceridade idolatra de alguns homens que vieram antes do meu tempo, e no culto honesto, delicadissimo, de alguns recolhidos espiritos da minha idade. Mas não acredito, e dá-me repugnancia, a mór parte dos que trazem o nome e a seiva eterna daquele genio de Desgraça na sua unica taboleta literaria.

Chamam-lhe o «Mestre».

O Mestre! Eles que nunca escreveram, que nunca sofreram, que nunca amaram, que nunca conheceram a Dor senão da lombada!

Vocês, espiritos humildes, burguesinhas e costureiras sem apelido, que tendes feito, com vossos olhos cheios de lagrimas, a fortuna de tantos daqueles Discipulos—perdoem-lhes, perdoem-lhes, porque o Mestre, esse, não lhes perdoaria nunca.

* * *

Em Portugal teve pouco eco, quasi nenhum, o desterro de Miguel de Unamuno. Não porque se soubesse previamente que os protestos era simples musica de palavras. Não; fômos sempre predispostos a esse encantamento magico da retorica generosa. Fômos sempre dados ao lirismo de defender os que sofrem. Houve em todos os tempos em nós o quixotismo de intervenção, nas horas de injustiça para alguem!

Os letrados não podem fazer livros de proposito para castigar uma afronta ao pensamento. A Academia está fechada ha muito tempo. Os jornais — têm os seus compromissos. Defender o escritor é atacar o Directorio. Não se pode exaltar Unamuno sem atingir Primo de Rivera.

E tem-se feito silencio. Talvez não por cobardia. Por apatia...

Pois vejamos o que disse d'Annunzio, criador de Mussolini, e panegirista de uma acção unificadora na governação dos povos:

«Ce général camouflé en tyran doit être marqué... Pourtant, nous ne pouvons pas ne pas sourire en considérant le vilain soldat grossier qui souffle de colère en croisant son sabre de bois comme il a été peint par la subtile et formidable plume du grand écrivain».

Espada de pau — Primo de Rivera! Talvez não fosse preciso isto para defender o exilado. Mas que exemplo de solidariedade espiritual — humana! — por banda de um homem de tendencias tão divèrsas das de Miguel de Unamuno!

* * *

Ha agora, diante de meus olhos, na minha mesa de trabalho, uma estatueta em marmore doce que eu trouxe de Italia, e que dá, sobe um plinto de onde nascem as figuras, duas cabecinhas de crianças, que se beijam uma á outra. Ela deve ter quatro anos. Ele talvez seis. Ela tem os olhos fechados e sorri. Ele tem os olhos abertos e está triste. Ha cinco anos que vive deante de meus olhos este beijo, que enche toda a casa de inocencia e de frescura.

Todos os amores que ha na terra se deviam fixar assim, eternamente em escultura viva, no minuto do primeiro beijo. Era uma maneira de nunca ter saudades dele.

Norberto de Araujo

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
ULTIMAS REPRESENTAÇOES
Ainda HOJE A interessantissima peça
SIMONE
Empolgante entrecho Soberbo conjunto
A seguir, em 5.ª recita de assin.: INGLEZES... original de Lorjó Tavares; A IRMÃ «CRUZ DE GUERRA», original de Carlos Alberto Ferreira

=POLITEAMA=
Empresa LUIZ PEREIRA Tel. 3023-N.
COMP.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
Ás 21,30 — A engraçadissima comedia
Greve geral
Grande sucesso de gargalhada — Otimo desempenho — O teatro mais barato de Lisboa

TEATRO da TRINDADE
Telefone C-876 HOJE, ás 21 horas
Despedida da COMP.ª AURA ABRANCHES
Recita da ilustre actriz Adelina Abranches
Uma unica representação da peça
UMA BELA AVENTURA
Canções portug. e brasil. por Aura Abranches

TEATRO AVENIDA
Tel. N. 4356 HOJE, ás 21 horas
— Companhia Satanela-Amarante —
de que faz parte Nascimento Fernandes
Colossal sucesso da epoca
O POÇO DO BISPO

Urotropina SCHERING
O MAIS ACTIVO DE TODOS OS ANTISEPTICOS URINARIOS
PODEROSO DIURECTICO, empregue com optimos resultados em todas as PURGAÇOES, GONORRHEIA, PROSTATITE, CYSTITE PUROLENTA, etc.
-EM TODAS AS BOAS FARMACIAS-

TEATRO S. CARLOS
HOJE, quinta-feira Ás 21 horas
8.ª rec. extraordinaria, a op. de Verdi
AIDA
sob a direcção do maestro TULLIO SERAFIN tomando parte os 1.os cantores Maria Llacer, Salagary, Segura Tallien, Argentini e estreando-se o tenor Lindi

APOLO Telef. N. 4129
Concorreccia e entusiasmo — A revista
FRUTO PROIBIDO
Fados á guitarra por ADELINA FERNANDES
Numerosos papeis por ELISA SANTOS
Agrado absoluto da
COMPANHIA OTELO DE CARVALHO
A'manhã — Estreia de LAURA COSTA

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 h. de 19: Depressão no Atlantico ao N dos Açôres 744mm com uma secundaria a NE da peninsula. Pressão em Lisboa 752mm. Na parte N da costa de Portugal, ventos de OE moderado e no centro e no S ventos fortes de SO, nos Açôres vento SO moderado com chuva.

Tempo provavel no dia 20: Mau tempo, vento OE ou SO moderado ou fresco, chuva.

A Cidade

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Rua Nova do Almada, 80-1.º
da 1 ás 3 Tel. C. 535

Chá das cinco

D'Annunzio principe

Victor Manuel e Mussolini, saudando em Gabriel d'Annunzio a alma patriotica da Italia, fizeram-no principe, entendendo que essa alma, ardente e gloriosa, ousada e irrequieta, só a um principe podia pertencer...

D'Annunzio, o homem tão discutido, tão adorado e tão odiado, através da sua vida aventurosa e das suas faltas humanas, personifica, neste seculo de instabilidade, de confusão, de transição incerta, o «Genio latino», delicado e forte, ambicioso e subtil, claro e vibrante... Mas na sua grande figura ha, como não podia deixar de haver, os traços antigos, ou antes os traços eternos da eterna beleza, do eterno talento, que pertence a todos os tempos.

E' guerreiro e poeta — a palavra de oiro que canta, o peito forte que combate — homem de guerra e de amor...

A Italia, o belo país latino, em que tantos esplendores Deus e os homens reuniram, ama Gabriel d'Annunzio e sente-o bem seu filho, reconhece-lhe a alma sedenta e fecunda, imperfeita e maravilhosa, a alma de sedução, que nos arrasta e cativa...

D'Annunzio pertence ao numero dos artistas imortais que tudo podem e a quem tudo se perdôa...

Victor Manuel e Mussolini, o grande Mussolini, fizeram-no principe, mas isso nada acrescenta á sua gloria...

Principe ha muito que Gabriel d'Annunzio o era... principe duma gloriosa dinastia que Deus misteriosamente continua, renova e impõe... Principe, entre os principes do talento...

Maria de Carvalho

Colegio Militar

Uma recita

E' depois de ámanhã que, pelas 21 horas, se realiza no elegante teatro do Colegio Militar a segunda representação da espirituosa farça «O Visconde de Pavia Ranso», felicissimo original de Serzedelo Coelho e Botelho Moniz, musica do maestro Manuel Ribeiro.

Esta representação' dada a favor do cofre da Associação Filantropica e a pedido de inumeras pessoas que não alcançaram bilhetes para a primeira representação, que obteve um brilhante exito, está despertando um justificado interesse e é de prever que o publico corra mais uma vez a aplaudir os moços interpretes que duma maneira tão notavel têm alcançado para o seu grupo dramatico uma reputação tão lisongeira, mercê do seu muito talento e da abnegação com que têm posto o melhor do seu esforço e boa vontade ao serviço dum fim tão generoso e filantropico. Após a recita seguir-se-há um animado baile a que não faltarão as gentis damas da nossa primeira sociedade com a sua nota alegre e distinta.

Na Beira Baixa

Um grave descarrilamento

O comboio 161, Beira Baixa, descarrilou hoje, no quilometro 70,600, proximo de Vila Velha de Rodam, havendo transbordo. Foram á comboios de socorro de Castelo Branco e Entroncamento. Ficaram feridos o maquinista, o fogueiro e uma mulher que seguia na terceira classe. Os passageiros do comboio correio devem ter chegado a Castelo Branco ao meio dia.

O descarrilamento deve-se ao facto de ter desabado uma trincheira devido ao forte temporal dos ultimos dias.

A maquina 76 descarrilou, ficando todas as carruagens avariadas.

...E ACABOU-SE...

A ORDEM

de Santa Maria do Castelo

E A ORDEM

do ministro da Justiça

A veneranda Ordem de Santa Maria do Castelo, de que era mestre o mui digno e douto varão sr. Antonio Cabreira, faleceu ontem, ás mãos governamentais do sr. José Domingues dos Santos.

O infausto sucesso comoveu-nos. Quizemos saber a que principio cirurgico tinha obedecido o sr. ministro da Justiça, ao extirpar rebento tão proveitoso na sociedade portuguesa.

O sr. dr. José Domingues dos Santos, intencionou um sorriso; o jornalista teve outro mais agudo, ao preguntar:

—Porque acabou tão florida, enramilhetada e encalamistrada Ordem?

—Por isso mesmo...

—Morreu pelas suas virtuosas e facundas qualidades...

—O ministerio da Justiça aprovou os seus estatutos, porque neles se exarava que a Ordem era religiosa...

—Mas...

—O mestre de Santa Maria do Castelo, exportava tantas comendas para o estrangeiro.

—Que as vitimas queixaram-se...

—E agora...

—Se a ordem de Santa Maria do Castelo se remeter, estritamente, ao seu culto, não tenho duvida alguma, em consentir o seu...

—Reaparecimento...

—Contanto que exerça apenas o culto religioso. Quanto ao mais...

—Não diga mais, sr. ministro. Compreendidos!

Fomos até á mansão do sr. Antonio Cabreira. Por fóra silencio; por dentro luto. O dignissimo mestre é inviolavel. Deixa-se guardar disveladamente pelos cuidados duma vestal saloia, que o defende de toda a curiosidade. O sr. Antonio Cabreira, desadornado das suas vistosas comendas, crachás e ornamentações, dorme, como um guerreiro vencido. Insistimos com a matrona, que defende a adarve do Castelo:

—O sr. Cabreira já almoçou...

—Almoçou, sim, senhor...

—Onde está?

—Não sei!

—Invisivel, como os deuses da lenda, ou foi raptado por Plutão para as gehenas infernais?

Cerbero cala-se. Visionamos, então, o defunto mestre, gloria incompreendida da Patria, contemplando em sonhos os seus aziaticos trages, emquanto os seus cavaleiros vigilantes e virgens de combate, armados até aos dentes, em quartos andares da Baixa, esperam a hora da redenção.

O mestre da Ordem, levanta-se, contamina de coragem as suas hostes, e erguendo a sua espada vitoriosa do *Numero, extensão e sentimento*, declara:

—D. Quichote derrubou moinhos. Serei mais feroi Arrancarei no mundo, tantas comendas, tantas academias, fundarei tantas ordens, que a gloria de Alexandre empalidecerá vencida pelo brilho das minhas conquistas.

E disse mais: *Vae Victis!*

UM TIPO POPULAR

O expedidor "Zé Gordo,,

que foi encontrado morto

não tinha inimigos, senão nos passageiros...

O «Zé Gordo» — velho e gordo expedidor dos electricos — foi encontrado morto esta madrugada numa azinhaga que corta a Estrada de Bemfica para Palma de Baixo.

O «Zé Gordo» era uma das figuras de Lisboa, conhecido de meia cidade, pelo seu tipo inconfundivel, pelo seu feitio honacheirão, mas decidido para o serviço.

Foi o «Diario de Noticias» quem deu o informe em ultima hora e tanto bastou para que na corporação dos electricos o acontecimento tomasse foros de sensacional, porque o «Zé Gordo» era estimadissimo, sem favor, por superiores e subordinados.

Aventou-se a ideia de um crime. Essa ideia foi logo posta de parte. O velho expedidor não tinha um inimigo. E' certo que ás vezes entre o publico e ele, zelozo empregado, se davam seus ares e tomares. Mas breve passava. Assim, sem uma má vontade, sem um azedume não é crivel a hipotese de agressão.

Esta mesmo é a opinião transmitida do Instituto de Medicina Legal onde o pobre «Zé Gordo» deu entrada esta manhã. O velho empregado da Carris deve ter sido vitima de uma congestão.

* * *

José Alves devia contar os seus 62 anos. Fôra em tempos empregado dos carros do Jacinto, e depois da Companhia Luzitania. A seguir transitou para a Companhia Carris, ainda no tempo das mulas, e quando veiu a electricidade, logo subiu, pelo seu porte e conhecimento da viação, para um logar de expedidor.

Alguns anos o «Zé Gordo», sempre cheio de suor, até de inverno, esbaforido, dando ordens, apitando, descompondo o publico a rir, é recebendo-os outra vez cortezmente — foi o grande tipo do Rocio, defronte do Teatro de D. Maria.

Ha poucos anos passou para a Estrela, estação mais tranquila, que o «Zé Gordo» ia estando cansado, e ha 40 dias para Bemfica.

Esta madrugada, exactamente pelas duas horas, apanhou o ultimo carro e apeou-se na Estrada de Bemfica, junto de S. Domingos, para tomar o caminho de sua casa. José Alves morava com sua mulher e um filho, empregado na Companhia do Gaz, em Palma de Baixo.

Como quere que ás 3 e meia o chefe da familia não tivesse chegado, o filho levantou-se e foi procurá-lo ao caminho. Tomou a azinhaga das Aguas Boas, e logo andados ai uns 300 metros encontrou seu pae caído no meio da estrada, de costas, braços e pernas abertas, «tal qual estivesse nadando».

Ergueu-lhe o rosto: estava cheio de sangue.

José Alves costumava sentar-se ali numa especie de janela que dá comodidade como um banco. Supõe-se que, acometido de congestão, tivesse caído, e fosse vitima a um tempo de doença subita e de queda.

Concebe-se a dôr do pobre filho, e mais ainda a da mulher quando o rapaz lhe foi levar a noticia.

Mais tarde, metido numa maca rodada, foi conduzido para a Morgue, onde está — á espera de autopsia.

Pelos teatros

«Tournée» Robinne-Alexandre

Realiza-se ámanhã, definitivamente, a estreia, no Trindade, da companhia dramatica francesa, «Tournée» Robinne-Alexandre, esperada anciosamente pelo publico culto, inteligente e elegante, por vir revestida de um grande cunho artistico, pelo nome das suas primeiras fi-

ROBINNE

guras, ilustres societarios da Comédie Française, pela seleção do seu primoroso repertorio e ainda pela nota de elegancia que madame Robinne imprimirá aos seus trabalhos, exibindo riquissimas «toilettes», mandadas executar expressamente para esta digressão, que termina no Porto, no dia 1 de abril. No proximo sabado realiza-se uma «matinée», representando-se ámanhã a celebre peça de Alexandre Dumas, filho, «Francillon», na qual Robinne desempenha o papel de «Francine de Riverolles» e Alexandre o de «Lucien de Riverolles». O espectaculo começa ás 9 horas da noite em ponto.

Atrás do reposteiro

Estreia-se, ámanhã, no Apolo a actriz Laura Costa que, na revista «Fruto Proibido», passará a desempenhar os novos papeis: «Pobreza envergonhada», «Mouraria», «A Lavadeira de Caneças», «O Ultimo Grito» e «Cartaz-reclame».

— A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho estreia-se ámanhã no Aguia de Ouro, do Porto, com a peça «As Pupilas do sr. Reitor».

— Lucilia Simões realisará no Sá da Bandeira, do Porto, a sua festa artistica com a primeira representação da peça «Salomé», da autoria do escritor brasileiro Renato Viana.

— Na festa de Estevam Amarante, que se realisa no Trindade, a 29 do corrente, estreia da Companhia Satanela-Amarante naquela casa de espectaculos, efectuar-se-ha um acto solene em que aparecerão duas velhas artistas daquele teatro e em que falará um conhecido escritor. O espectaculo compôr-se-ha da peça «O Toureador».

— O «maestro» Luis Gomes realisa a sua festa no S. Luis, no proximo sabado, com a opereta «Prasquita».

— Na peça «Os Inglezes...» os principais papeis são desempenhados por José Ricardo, Maria Pia, Ilda Stichini, Clemente Pinto, Rafael Marques, Joaquim Costa, Luis Pinto, Helena de Castro e Joaquim de Oliveira.

— O actor comico Joaquim Prata realisa a sua festa no Apolo no proximo dia 27 do corrente.

—Volta hoje á scena a soberba peça «Simone», uma das mais belas obras de Brieux, que no teatro Nacional é interpretada com raro relêvo e em que apresenta uma magistral criação a distinta actriz Ilda Stichini.

—No programa desta noite no Coliseu dos Recreios figurem novos e valiosos trabalhos desempenhados por todos os artistas que compõem a actual companhia de circo, uma das melhores e mais variadas que teem vindo a Portugal.

—A interessante revista «De Teatro» começa no seu proximo numero a publicação duma série de artigos sobre o teatro de Camilo Castelo Branco, assignados pelo brilhante critico teatral e homem de letras sr. Jorge Faria.

—A companhia Aura Abranches, que hoje se despede do publico de Lisboa, realisando a festa artistica da grande actriz Adelina Abranches com «Uma bela aventura» e canções por Aura Abranches, segue amanhã para Santarem, representando ali até domingo as peças «A injustiça da lei», «Magdalena arrependida» e «Genio Alegre». Nos dias 24, 25 e 26 a mesma companhia inaugura o novo teatro de Tomar, com as mesmas peças.

Em vista do grande êxito da GREVE GERAL, foi adiada a 1.ª representação da peça de Alfredo Cortez que sobe á scena em recita de Robles Mont. **A La Fé!**

ESCOLA MODERNA
de escrita á maquina
R. do Arco do Bandeira, 231
LISBOA

A Cidade

COLARES-BURJACAS
- O MELHOR VINHO DE MESA -

UMA TREMENDA CATASTROFE

Dôze cadaveres

FICARAM SOTERRADOS

nos escombros dum predio

Lisboa acordou hoje alarmada com a má nova de uma catástrofe de horrorisar. Andam p'raí todos a fingir que são maus, e que são insensiveis ao sofrimento alheio, e que conseguem representar a serio o papel de barbaros que lhes foi distribuido na figuração da tragicomedia politica; e afinal... quando se soube que abatera um predio em Campolide, e que a derrocada sacrificára algumas vidas, todas as furias se desarmaram para chorar a sorte negra dos desgraçados.

Fômos vêr, tambem; que aquilo tem sido uma romaria, o dia inteiro, ao trecho lindo da serra de Monsanto onde ocorreu o sinistro. Do predio e das vidas que ali se aniquilaram, resta apenas um montão de destroços; as pedras do edificio e a caliça, e os ferros das varandas, e tudo, tudo escaqueirado numa confusão macabra.

Misturou-se tudo, naquele mistiforio babelico de gritos e de ruínas. Dir-se-hia que um pulso de monstro enraivecido, andou a escangalhar, a arrasar, a matar, pessoas e coisas, como um doido que se entretivesse a fazer em cacos os lares inocentes das bonecas. Houve rasgos de heroismo; houve assomos de quasi sobrehumana valentia; houve minutos de desespero que valem seculos de tortura; houve sangue e houve lagrimas... mas foi tudo coisa de um instante...

Foi um sonho mau, foi um pesadêlo. Os pobres que sobreviveram, e que viram de perto a tragedia, ainda agora julgam que estiveram sonhando apenas, e que as ruinas, e a morte, e tudo aquilo, não passa de uma ilusão dos seus sentidos apavorados.

—Oh! senhor — exclamava ind'agora, uma velha—dando a sintese do assombro—parece que caíram todas as furias do inferno aqui na travessa do Tarujo!

Um despertar tragico

Como foi aquilo?

Respondem cincoenta, cem bocas, que tantas são as pessoas da visinhança que assistiram á agonia dos desgraçados.

— O Vieira — conta uma mulher — estava sempre a dizer, volta que não volta: — «Qual será o dia e qual será a hora em que eu hei-de ficar enterrado ali no maldito pardieiro?» E ficou. Coitadinho! Ainda ontem...

— Conte.

— Ainda ontem, horas antes do desastre, tinha estado a mulher álem na barraca da estação a futurar, quando ouvia a ventaneira: — «Tenho medo de ir p'ra casa. Parece que me diz o coração que hoje é que vamos ficar ali esborrachados».

— Ora... — retorquiu-lhe o marido — deixa-te de «parvoeiras». Se morrermos, ao menos, morremos todos juntos». E morreram. Dali a bocadinho estavam todos na mão de Deus.

Foi ás 3 horas da manhã. Uma ventania de tormenta; a chuva a fustigar, numa inclemencia, os casebres que p'r'ali se erguem, no quasi descampado. Depois, o aguaceiro amainou, e a lua surgiu no céu, envolta em nuvens, triste como um presagio. O vento continuou bramindo; enfurecia-se cada vez mais; é a certa altura...

—Foi assim: senhor—elucida um velhote —Foi assim: Brruh!... Parecia que se tinha despejado uma carroça de entulho. Maldita hora... Querem vocês vêr—disse eu p'rá mulher—que a barraca vai ebaixo?! Não foi a nossa; mas aqueles desgraçadinhos, quando viemos acudir-lhes já não tinham salvação.

Outro, o limpador José Martins, a depôr:

—Eu estava em casa. Vai senão quando ouvi um barulho surdo e logo depois muitos tiros. Que raio será isto?—disse comigo—Cheguei á janela mesmo nu. Cada vez mais tiros, apitos, gritaria... Isso, parecia ai o fim do mundo! Vesti-me á pressa; vim vêr o que era; e quando cheguei á rua, até julguei que andava o diabo naquilo tudo. O raio do predio tinha desaparecido. Até pensei que se sumira pelo chão abaixo. Corria gente de todos os lados; vinham vozes de chôro de dentro do entulho; soldados, paisanos, bombeiros, mulheres, puzemo-nos todos logo a acudir. Uns com picaretas, outros com machados, outros só com as mãos, começámos a revolver a lixeira, á procura de vidas que se podessem salvar. Até ás 5 da manhã, conseguimos tirar três corpos. Já vê: a gente nem tinha ferramentas em termos...

* * *

—Oh! senhor—intrometeu-se uma mulher que mora ao pé da ponte, na Azenha do Santissimo.—Eu, quando ouvi os tiros, julguei que era a revolução. E vai, disse assim para o meu homem:—«Oh! Sebastião, aí está a revolução!»

—Qual revolução nem qual raio—respondeu-me ele endorminhado—«Isso é para aí alguma sarrafusca de maltezes.» Mas os tiros eram cada vez mais, e os gritos, e os apitos a apitar...

—Olhe: eu só lhe sei dizer que o meu homem ficou rouco de tanto apitar. Ai! Coitadinhos dos desgraçados que perderam a vida!

E outra, do lado, a acrescentar:

—O peor foi que, ali o filho da tia Josefa, quando ia para chamar os socorros, iam-no matando.

—Sim?

—E' verdade. Não vê que os policias da esquadra, que é ali em cima, quando ouviram os tiros, tambem pensaram que era desordem grossa ou revolução. E vai, quando viram o homem a correr pela rua acima, ido daqui deste lado, como um perdido, disseram lá comsigo:—«este tem rasca, segura-se já!» Lá bem permitido, era; que eles os pobres dos policias até têm mêdo de vir de noite cá para este lado. Inda o outro dia arrumaram quatro cacetadas num desgraçado, ali na ponte do Santissimo, que lhe ia dando cabo da vida...

Pesquisando os escombros

Quando o jornalista chegou, já os cadaveres tinham ido todos para a Morgue. Ao desembocar num atalho, preguntou:

—Onde foi o desastre?

—Foi ali.

—Ali aonde?

Porque déante dos nossos olhos apenas surgia pedra e areia. E quando nos convenceram de que, realmente, tinha ali existido um predio, não nos contivemos que não exclamassemos:

—Até parece que foi cortado á navalha!

Aproximámo-nos dum grupo. Comentavam:

—E áqueles, qualquer dia, acontece-lhes o mesmo... Cabra de sorte!

Uma imagem na boca dum plebeu:

—O predio abriu como uma alcachofra. Desfolhou-se todo...

A policia e alguns populares iam recolhendo os salvados. Era uma verdadeira Feira da Ladra: canos de chumbo, roupas, chavenas, pratos, cobertores, malas, colchões, um regador amachucado, cabazes, livros de instrução primaria, um romance com contas na capa, escovas da casa, chapeus amarrotados, um córte para fato, uma maquina de costura partida, garrafas, louça de esmalte... Ao pé de um «bidet», dois pães duros que não chegaram a ser encetados. Varias camas, frigideiras, cofres de madeira, dois presuntos cheios de areia, botas, ferramentas, candieiros partidos, chapas de seguros, etc.

No meio da areia está uma *Enciclopedia das Familias*, ao lado de espelhos partidos e de moedas da Republica, cheias de zêbre. Ha um cofresito com papeis de credito, cartões de identidade, retratos, etc.

Numa caixa pertencente á Agueda da Silva foram encontrados 1:150$000 em dinheiro e uma caderneta do Montepio Aliança.

Um berço ensanguentado

No meio dos escombros um berço de verga. Aproximámo-nos. Tem ainda dentro a roupa. Levantámos uma almofada. Está vermelha de sangue...

Ao pé uma sombrinha de creança, côr de rosa.

Muitos retratos: um, rasgado, de um petiz. Noutro, a Agueda, a mulher do Antonio da Silva com o filhinho nos braços, a pensar no marido, soldado de Sapadores dos Caminhos de Ferro que em França se batia...

—Olha a Agueda, coitadinha...

Morreu ela, morreram as duas filhas—a Diamantina, de 8 anos, e a Maria Helena, de 2—e morreu ele, estupidamente, ele que tanta vez arriscára a vida nos campos da batalha...

Sobre uma mesa, está o seu capacete das trincheiras. E, ao lado, numa caixinha de folha, «O verdadeiro livro dos sonhos»...

Ha varios relogios todos inutilizados, por já terem cumprido a sua missão na vida. Marcam as três horas—a hora fatal da derrocada.

Um deles—de pessoa pontual, por certo—estava adiantado. O dono, que, por sistema, despertava sempre mais cedo para a labuta, teve ao menos esta compensação de morrer um pouco mais tarde—segundo o seu relogio.

Um que se salvou

Henrique Martins de Almeida, era um dos moradores do predio. Estava no Setil, destacado havia dois dias, e chamaram-no por telegrama para lhe dizer que tinha ficado sem casa e sem familia.

Andou por ali como doido, na visinhança; mirou e remirou os restos da derrocada; e... não foi capaz, ainda, de chorar, porque os nervos não lh'o consentem. O jornalista foi encontrá-lo, esmagado de horror, ao canto de uma barraca, do lado de lá da linha, na estação de Campolide. A visinhança á sua beira, a dizer-lhe palavras de resignação que são coisa de nada, na tempestade de sofrimentos que o aniquila; toda a gente a querer tira-lo, inutilmente, daquele torpôr em que a desgraça o lançou; e êle, meio ensandecido meio lucido, foi dizendo, a voz a entrecortar-se-lhe de cansaço:

— Mais valia, milhões de vezes, que lá tivesse ficado tambem! Desgraçados... Fiquei sósinho no mundo! Ah! sorte maldita...!

—Quantos eram?

—Minha mulher, uma filha de sete anos, outra de cinco e outra de cinco meses. Lá ficou tudo...

Escondeu o rosto no regaço dos braços, sem saber bem se havia de chorar, se havia de estoirar-se num protesto suicida, e acrescentou, silabando as palavras:

—Aquilo tinha que ser! A maldita casa estava condenada!

Calou-se, a meditar. E uma das visinhas concluiu o informe:

—Calcule o senhor que o predio não tinha escoadouro nenhum. A cave, da altura de um homem, no inverno estava quasi sempre cheia de agua. Viviam em cima de uma cisterna, coitadinhos.

O crime dum senhorio

Por detrás do predio desmanchado havia uma barraca, armada com táboas velhas, latas enferrujadas e rêdes de capoeira. Toda ela era, mesmo, uma capoeira, apenas. O vento assobiava nas frestas, em noites de invernia como as de ontem; toda aquela giga-joga estremecia ao mais desacostumado empurrão dos temporais. Quando foi da ultima cheia, andaram lá dentro a nadar. Tiveram os visinhos que ir salvá-los.

* * *

Aqui ha dias, apareceu uma familia amiga a pedir guarida por esmola. O senhorio tinha-lhe posto os tarecos na rua, com grande aparato de policias e de gente da justiça, e os pobresinhos—marido, mulher e uma filha—iam acolher-se, como ultimo recurso, á barraca da Virginia de Jesus, que assim se chama a dona do galinheiro.

Os impetrantes eram: Francisco José de Almeida—o «Ganga»—sua mulher, a Maria Ganga, e uma filhinha de 4 anos, Balbina de sua graça.

Fizeram-lhe vêr que a barraca não tinha comodos, que estar ali o mesmo era, quasi, que estar na rua.

—Mas que se ha-de fazer?—retorquira o «Ganga». Antes isto que nada. Que remedio tem a gente! E' uma esmola que nos fazem, porque estamos fartos de procurar e não ha um boraco em que nos abriguemos.

—Recorram para a Justiça...

—Ora..., a Justiça. Tomára a gente o preciso para comer! O senhorio é rico, pode gastar quanto queira para convencer os outros de que tem razão...

—Bem. Então, venham vocês para ahi.. Quem dá o que tem, não é obrigado a mais.

Foram. E hoje de madrugada, quando o predio desabou, estavam eles a dormir.

A «Ganga», ainda teve tempo de se erguer, num sobresalto. Foi um soldado — José de Jesus — encontra-la enterrada em vida. Tinha só a cabeça fóra dos escombros. E gritava, e clamava, esquecida de si, que lhe salvassem o marido e a filha.

O soldado abeirou-se. As mãos crisparam-se-lhe numa sanha de heroismo; e, sem ferramentas, sem nada, os dedos apenas a rasgarem, numa decisão, o montão da argamassa e dos calhaus, desenterrou a mulher. Estava nua. Parecia que a morte fizera dela uma estatua tragica do alarme. A seus pés, o «Ganga» e a Balbina eram já dois cadaveres apenas...

O senhorio que os despedira, tinha sido a causa remota de mais este capitulo de desgraça.

Os mortos e os feridos

No predio, moravam cêrca de 20 pessoas.

No rez-do-chão viviam: Antonio da Silva, serralheiro da C. P., de 30 anos, sua mulher Agueda da Silva, de 35 anos; Diamantina, de 8 anos; Maria Helena, de 2 anos e Yvonne. Morreram todos, menos a Yvonne porque estava em casa da avó.

No primeiro andar: Henrique Martins de Almeida, fogueiro, que estava no Setil quando se deu o desastre; sua mulher, Florinda Martins de Almeida, que faleceu, bem como seus filhos: Ansero, de 7 anos; Manuela, de 4 anos e Ermelinda, de 5 meses. José da Silva, limpador, que tambem vivia nesse andar, escapou porque estava de serviço.

No segundo andar: Francisco Vieira, maquinista da C. P., sua mulher Mariana Vieira, sua mãe Maria das Dores, de 72 anos, e quatro filhos, Ester, Celeste, Francisco e Americo. Morreram a mãe do Vieira e o Americo, e ficaram feridos o Francisco Vieira, que está em estado grave, sua mulher e o Francisco. Ficaram todos em Santa Marta.

Na barraca que foi esmagada pelo predio, estavam Francisco José de Almeida, o *Ganga*, sua filha Balbina, de quatro anos, e sua mulher Maria Antonia. Só escapou esta ultima, que ficou ferida.

Para conseguir cabeleiras assim, usai o
OLEO DE MAO DE VACA
Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexiveis e evitando a caspa.
50 anos de venda asseguram os seus bons efeitos.
Frasco 1$500 réis — Pelo correio 2$50
PERFUMARIA MENDONÇA
43, Calçada do Combro, 47 — LISBOA
TELEF. C. 103

TINTURARIA PORTUGALIA

Tinge, limpa, plissa todo o vestuario

Encarrega-se dos trabalhos os mais dificeis:
Vestidos de baile e de teatro
Vestidos com ornamentações (vidrilhos, etc.)
Peles de todas as qualidades
Transformação de côres

Rua do Ouro, 234|242, 1.º—BARROS & SANTOS
Rua Prior do Crato, 56—(Alcantara)
Avenida de Chelas, em Chelas—Xabregas

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1908
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES
RIO JANEIRO 1908 ANVERS 1894 BELEM 1895
LONDRES 1906 LISBOA 1888 PARIS 1867
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.
Xarope Peitoral James
Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Consolho de Saude Publica do Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.
DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

CONSTRUO
CASINHAS ECONOMICAS AO ALCANCE DAS PEQUENAS BOLSAS. Predios de rendimento e de luxo. Fabricas, armazens, barracões, etc. Reparações ou ampliações. Cimento armado. Frentes interiores de arte para estabelecimentos e escritorio. Projectos e orçamentos gratis.
A. d'ABREU, construtor tecnico diplomado
Residencia: R. S. Saraiva Lima, 7, 3.º Telef. N. 3907

PAPELARIA VIUVA MARQUES
TELEFONE C. 2676
LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO
Artigos de escritorio Material para desenhadores
—— PREÇOS MODICOS ——
34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

CANIL NACIONAL
132, RUA DAS AMOREIRAS, 132---LISBOA
Unica casa no genero **em Portugal** que compra e vende **cães de pura raça**

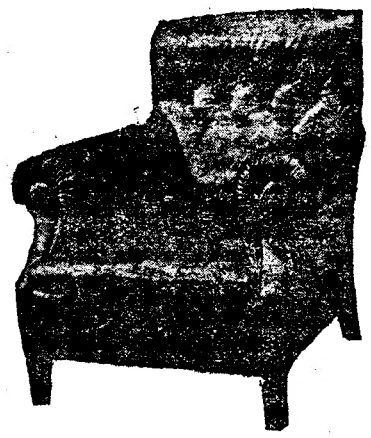
Bull-Dog

Há para entrega imediata:
Lobos de Alsacia, São Bernardo, Serra da Estrella, Castro Lobreiro, Setter, Poentter, Terra Nova, Lulu da Pomerania, Dog Terrier, Fox Terrier, Griffon e mais raças.
O proprietario, MANUEL H. F. MARTINS

Original Odhner
A melhor calculadora para as 4 operações
J. Gonçalves
Tel. 4190-N.—R. do Amparo, 66

FONSECAS, SANTOS & VIANA
BANQUEIROS
Estabelecidos em 1861
RUA DO COMERCIO, 116 a 132
Telegramas. SANVISE-LISBOA

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.
MOBILIAS
GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS
JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082



—OURO—
muito mais BARATO
Grande sortimento de cordões, corrente e mais objectos de ouro
SO VENDE BARATO a Ourivesaria
CORREIA & MOURA
R. de S. Paulo, 186 — Lisboa
(Proximo á Casa da Moeda)

Joias-Ouro-Prata
Não comprem nem vendam sem consultar a nossa casa. A maxima seriedade em todas as transações. Vamos a casa dos Ex.mos clientes fazer as avaliações e compramos a cobrir todas as ofertas.
Barreto & Gonçalves, L.da
Rua Eugenio dos Santos, 17
(Antiga Rua de Santo Antão)
Telefone 3759-N.
LISBOA

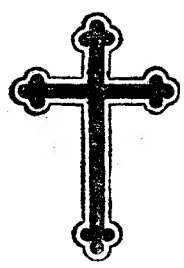
COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

VENDA DE CAIXOTES VASIOS

Possuindo os Armazens de Viveres aproximadamente 500 caixotes vasios, recebem propostas para a sua venda até ao proximo dia 26, na rua de Santa Apolonia n.º 61-A, podendo as propostas serem feitas para a compra a peso ou por unidade e por todo ou parte do lote.

Lisboa, 11 de março de 1924.—O chefe de serviço da contabilidade central, (a) *M. Barqueira;*

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO 140



D. Ana Bono Carneiro e Silva
FALECEU

D. Maria da Conceição Bono Carneiro Vaz, seus filhos, noras, genros e netos; D. Virginia Lima Simões Carneiro e sua filha; D. Alice Carneiro de Sousa Dias, seu marido e filhos; D. Iréne Carneiro Brissac Neves Ferreira e seu marido; e D. Véra Carneiro, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida irmã, cunhada e tia, e que o seu funeral terá logar ámanhã, sexta feira, pelas 11 horas, sahindo o prestito funebre da sua residencia, rua Thomaz Ribeiro, 55, 2.º, para o cemiterio dos Prazeres.

Reis & Sá, L.da
CAMBISTAS
Compra e venda de notas e moedas estrangeiras, titulos nacionais e estrangeiros, coupons, ordens de bolsa e lotarias
RUA DO OURO, 152 • • LISBOA
Telefone 2815-C.

ESTRANGEIRO

TUDO PARA A IMPRENSA
FABRICANTES E IMPORTADORES
João Baptista de Barros & C.ª, L.da
PORTO -:- LISBOA
Lisboa: R. Poço dos Negros, 83 C. 5298

DA ALEMANHA

Amanhã será proclamada A republica na Persia?

BERLIM, 20

Noticias de Teheram mostram que ha grande movimento de opinião publica a favor da proclamação da republica que será provavelmente proclamada durante as festividades nacionais que se realizam ámanhã. Mesmo os conservadores se mostram partidarios da mudança de regimen. Houve uma reunião de 40 ex-presidentes do conselho de ministros e outras personagens notaveis que resolveram solicitar do primeiro ministro Riza Khan que se manifestasse a favor da republica, e que dispusesse todas as coisas para permitir a rapida eleição do presidente. Nas provincias tambem é geral o movimento a favor da mudança de regimen. Os jornais publicaram uma carta assinada pelo chefes das tribus de Bakhtiari que estão presentemente em Taberam prometendo a sua adesão.

O irmão e herdeiro presuntivo do «schah» está fazendo preparativos para sair do pais.—(R.)

A publicação
dos documentos secretos

BERLIM, 10

O assunto dominante hoje em toda a imprensa de Berlim é á publicação feita pelo «Berliner Tageblatt» dos documentos sobre a aliança franco-tcheca.

Os jornais em geral, dizem que os documentos são verdadeiros e o «Berliner Tageblatt», referindo-se aos erros de forma que o sr. Benes manifestou no Parlamento tcheco, diz que podem ter passado certos erros de tradução.

Numa entrevista concedida á «Voss Zeitung», o sr. Tusar, ministro Tcheco-slovaquia em Berlim, procura demonstrar que se trata falsicações. O «Vorwaerts» rebate essas afirmações, dizendo que o proprio tratado assinado em 24 de Janeiro entre a França e a Tcheco-slovaquia presupoem tratados secretos.—(L.)

PARIS, 20

O Ministro dos Negocios Estrangeiros desmentiu formalmente a veracidade dos documentos publicados no «Berliner Tageblatt» sobre uma aliança secreta entre a França e a Tcheco-Slovaquia.—(L.)

Greve
de 50.000 trabalhadores do porto

HAMBURGO, 20

Agrava-se a situação no porto de Hamburgo com a greve de mais de 50.000 mil trabalhadores do porto, em virtude de terem fracassado as negociações para solucionar o conflito.

Nos portos de Bremen e Lubeck a situação é identica.

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE GRANDE SUCESSO
Espectaculo de gargalhada
OS 28 DIAS DE CLARINHA
Protagonista: Auzenda de Oliveira
Sabado, 22—Recita do maestro LUÍS GOMES
Reaparição da opereta: FRASQUITA
Sexta-feira, 28—Festa artistica de Ausenda de Oliveira—1.ª represent. da opereta em 3 actos de D. José Paulo da Camara e Feliciano Santos, mus. de Filipe Duarte: AS ANDORINHAS
Este teatro não afixa cartazes nas ruas

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

Como se vive actualmente na Russia bolchevista
segundo as declarações de um emigrado

PARIS, 17—(Para o «Diario de Lisboa»).—Quasi todos os emigrados russos com quem temos tido ocasião de conversar crêem na possibilidade dum movimento que, partindo do seio da propria Russia, tenha como resultado a derrota do governo dos soviets.

De ha muito desejávamos conhecer a opinião de alguem que tivesse estado na Russia nestes ultimos tempos, que não tivesse ligações com os bolchevistas e que soubesse julgar os acontecimentos com imparcialidade.

O acaso favoreceu-nos. Conhecemos ontem o ajudante de ordens dum dos generais que combateram o exercito bolchevista no começo da revolução e que chegou ha dias de Moscow, onde esteve durante meses.

M.r Hannibal, o unico descendente do celebre prinicipe egypcio Hannibal, de quem Pedro Grande fez seu general; descendente tambem do grande poeta Pouchkine, foi educado na escola previlegiada de Petrogrado, onde só os filhos dos nobres tinham entrada. Dedicou-se, sobretudo, ao estudo de linguas orientais, e os seus trabalhos sobre lingua e literatura persa valeram lhe recentemente a nomeação de membro da Academia de Estudos Orientais de Paris.

Estamos, portanto, em presença dum russo afecto ao antigo regimen, mas que é ao mesmo tempo um homem absolutamente superior, que sabe apreciar desapaixonadamente a situação do seu paiz. As suas palavras valem tanto mais, quanto é certo que ele foi uma vitima do bolchevismo: dois irmãos seus foram fusilados.

* * *

Eis o que lhe ouvimos e que deve interessar aos leitores do «Diario de Lisboa»:

Como tantos outros dos seus compatriotas, depois de perdidas as esperanças de vencer a revolução, M.r Hannibal refugiou-se na Persia, onde tem vivido tranquilamente estes ultimos anos, repartindo o seu tempo entre o trabalho quotidiano para ganhar a vida e os estudos sobre a lingua persa, lingua que ele considera uma das mais belas e harmoniosas de entre as 14 que conhece e fala correntemente.

Não conseguindo ter noticias da familia, resolveu-se a entrar na Russia, e só então soube do fusilamento dos irmãos. Mas isso não o impede de dizer a verdade:

A vida normalisa-se e melhora dia a dia. Em Moscow ainda é muito cara. Um quarto num hotel de segunda ordem custa uma libra por dia; mas em compensação lembra-se de ter almoçado em Petrogrado por 2 francos franceses. O vestuario e o calçado carissimos, e os objectos de luxo quasi não teem preço.

No entanto, os teatros, os restaurants, os cafés, os «dancings» são frequentadissimos. As casacas e os «smokings» rareiam, mas as mulheres apresentam-se em geral elegantemente vestidas.

—Os teatros?

—Ha, mesmo, muitos mais do que antes da guerra, e devo dizer-lhe que para ouvir boa musica ainda é preciso ir a Moscow.

—E o comercio?

—Retabelece-se pouco a pouco. Por toda a parte se abrem novos estabelecimentos. O pequeno comerciante está novamente instalado e até já começa a «especular». Muitas fabricas teem aberto, mas são exploradas pelo governo, o que não quere dizer que as não venham a entregar, mais tarde ou mais cedo, aos particulares.

—Diz-se que as minas de petroleo estão completamente abandonadas e o maquinismo estragado...

—Não é bem verdade. Se bem que a produção esteja longe de atingir os numeros de antes da guerra, a verdade é que nestes ultimos tempos alguma coisa se tem feito. Em Bakcu a produção já atinge 35 por cento e trabalha-se activamente para se atingir a produção normal. Esta cidade apresenta um aspecto agradavel: ha mesmo alguns melhoramentos a considerar, tais como a instalação de carros electricos que a cidade não tinha.

«Mas o que sobretudo me impressionou agradavelmente—continua—foi a disciplina que se nota nas grandes cidades. Os policias que conservam o mesmo uniforme do tempo do imperio são obedecidos em tudo. Eu proprio tive de pagar uma grande multa por ter subido para um electrico em andamento.

* * *

—Continuam as perseguições e os fusilamentos?

—Sim. Quem se ocupe de politica não tem a vida segura. Quanto a mim, declarei por escrito abster-me completamente de questões politicas; cumpri a minha palavra e ninguem me incomodou. Liberdade de imprensa, liberdade de discussão em materia politica ainda não ha. Mas, por um lado, isto será um bem para a mocidade russa em geral muito exaltada. A gente moça passará a ocupar-se de outros assuntos que lhe serão bem mais proveitosos.

—Mas fala-se muito em desmoralisação...

—Uma grande revolução acarreta sempre uma certa dissolução de costumes. A revolução russa não faz excepção, certamente; mas confesso nada ter observado que se não veja nos outros paizes da Europa.

—A religião perseguida, os padres castigados, os bispos fusilados...

—Ao principio houve na verdade perseguições. Mas os governantes depressa se convenceram de que o povo russo era fundamentalmente religioso. A igreja foi separada do Estado e a liberdade de culto reina hoje em todo o paiz. Cada localidade onde haja mais de 15 praticantes tem direito a uma igreja e a um padre, caso assim o desejem. As ultimas condenações de padres e bispos não representam um ataque á igreja. Eles foram condenados por questões politicas.

—E os intelectuais são perseguidos e o trabalho scientifico é impossivel...

—Certamente que durante o periodo revolucionario nenhum trabalho foi possivel. Hoje, as coisas mudaram. Por exemplo, no ramo a que me dedico—linguas orientais—os trabalhos que se fazem em Petrogrado são importantissimos.

—Então no fim de tudo isto, quais são as suas conclusões?

—A primeira afirmação que posso fazer é que «o sistema comunista faliu e faliu completamente». Que os comunistas de todo o mundo não tenham disso a menor ilusão. Pouco a pouco, o governo tem transigido, consentindo ámanhã o que hoje lhe parecia absurdo e contrario ás doutrinas proclamadas.

* * *

—Não pensa então na possibilidade de uma outra revolução?

—De maneira nenhuma. Os camponeses, outem quasi escravos, são hoje proprietarios, possuem as terras durante tanto tempo ambicionadas. Os nobres e ricos proprietarios que não emigraram, já se habituaram ao trabalho; os filhos deles que já sabem não poder contar com a herança paterna, habituar-se-hão tambem a trabalhar. Uma outra revolução na Russia redundaria numa luta religiosa entre os cristãos e judeus, verdadeira carnificina bem peior do que a revolução bolchevista.

—O que pensa fazer agora?

—Volto a Moscow para ver novamente minha mãe; e seguirei para a Persia onde espero demorar-me ainda uns cinco anos. E depois, uma ideia me seduz: Fundar na Russia uma ordem religiosa.

IRENE DE VASCONCELOS

MAGNESIA KING'S
É a melhor do mundo

DA INGLATERRA

Guerra entre a Russia E o imperio da China?

LONDRES, 20

Um comunicado de Pequim diz que estão tensas as relações entre a China e a Russia.

O governo chinez ordenou ontem ao enviado sovietico Karakhan que abondonasse imediatamente a China, por motivo das notas insultuosas dirigidas ao ministerio dos Negocios Estrangeiros.

O enviado sovietico, por seu turno, entregou formalmente um «ultimatum» á China, dando-lhe um praso de 3 dias para reconhecer a Russia dos Soviets.—(L.)

A' procura
do major-general de Dublin

DUBLIN, 20

Foi comunicado ao «Daily Eireand» que o sr. Mulcahy, ministro da Defesa, tinha pedido a sua demissão, tendo pedido tambem a demissão dos seus cargos varios oficiais-generais.

O governo declarou que o «raid» efectuado em Dublin tinha sido feito sem autorização da Conselho Executivo e sem ter dele conhecimento as autoridades militares superiores.

Os «raids» têm excitado extraordinariamente a população desta cidade.

Na noite passada foi invadida uma taberna em Parnel Street porque se tinha recebido uma denuncia de que se encontrava ali o major-general Towin e varios oficiais superiores seus partidarios.—(R.)

PRIMEIRO ANIVERSARIO

Tendo nós conhecimento de que ontem se realizava o primeiro aniversario do estabelecimento dos nossos presadissimos amigos Gomes da Silva e Rual Torres, socios gerentes da firma Gomes da Silva & Torres, Limitada, na Rua da Vitoria, 69, 71, fomos ali felicitá-los, os quais, com a sua amabilidade uzual, nos receberam e em seguida nos mostraram as especialidades do seu importante estabelecimento.

Ficámos maravilhados ao vermos a pár de bom gosto, o variadissimo sortido de artigos de iluminação e sanitarios, que ali se encontra tais como: lustres em madeira, estilo Luís XVI; ditos estilo Luís XV, em bronze; candeias D. João V; tinas em ferro esmaltado; esquentadores electricos; ditos para gaz e gazolina; estojos electricos para viagem; acendedores electricos e um variadissimo sortido de *abat-jours* em seda, em todos os estilos, os quais são dum gosto e perfeição pouco vulgares.

Aconselhamos portanto, as pessoas do mais belo e fino gosto, a visitar este estabelecimento modelar no seu genero.

Aos nossos amigos desejamos o progreso de que são dignos.

FATOS E SOBRETUDOS
Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º.

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
°/Londres, cheque	141$00	142$00
°/Paris	1$66,5	1$68
°/Madrid	4$18	4$21,5
°/New-York	32$85	33$10

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
°/Holanda	12$10	12$19
°/Suiça	5$64	5$68
°/Brasil	3$50	3$59
Libra esterlina	165$00	169$00

A CARESTIA DA VIDA

Acabou

HOJE

A GREVE

do funcionalismo

Terminou a greve do funcionalismo publico. Pelas 15 horas, a comissão de negociações dos grevistas subia as escadarias dos ministerio das Finanças. Abordámos o sr. Alvaro Batista, membro dessa comissão. Fala-nos com um certo nervosismo.

—O movimento—afirma-nos—falhou pela falta de dignidade moral dos funcionarios.

—Isso é uma afirmação grave...

—Nem todos os funcionarios são envolvidos nas minhas censuras. Conheço bem os que não faltaram á sua palavra e os que a trahiram.

—Não havia falta de preparação no movimento?

—Nunca em Portugal houve um movimento tão bem organisado. Essa preparação durou um ano. Posso-lhe garantir que quando declarámos a greve tinhamos a certeza absoluta da victoria.

—Porque perderam a greve?

—Porque aqueles que mais gritaram nas associações: «Vamos para a greve! Vamos para a greve!» foram os primeiros a atraiçoa-la. E' bom frisar que houve chefes de repartição que se portaram bem.

—O que tenciona fazer?

—Assim que regularize a minha situação, abandono a vida publica, desiludido.

—Ha alguma plataforma para retomarem o serviço?

—O sr. dr. Alvaro de Castro garantiu-nos que, se nós retomassemos ámanhã o serviço, diria ao Parlamento que a nossa situação economica é aflitiva...

—Aceitaram essa plataforma?

—Aceitámos. O «comite» vai convidar o pessoal a retomar ámanhã o serviço á hora habitual.

* * *

Foram presos três funcionarios na rua do Ouro, que andavam distribuindo manifestos, entre eles um irmão do secretario do ministro da Instrução.

Foi ontem preso o servente do ministerio da Justiça, sr. João Vaz Baptista, a quem estava confiada a chave do portão, que desapareceu. O arguido conta que, na noite da vespera do movimento, lhe apareceram dois individuos, um armado de pistola e outro de cavalo marinho, que lhe deram uma sova, roubando-lhe a chave.

Cêrca das 2 horas, encontrava-se reunido, na Sé, um grupo de grevistas, que a policia dispersou.

O comandante da policia, tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, esteve até ás 13,40 horas a dormir dentro do seu automovel, á porta do ministerio do Interior.

A policia não permitiu grupos nas ruas do Ouro, Augusta e Praça do Comercio.

O sr. dr. Alvaro de Castro prometeu á comissão mandar pôr em liberdade os grevistas que se encontram presos.

O Estado

não paga aos seus fornecedores

A maioria dos fornecedores das Obras Publicas deliberou em reunião suspender os fornecimentos até que estejam embólsados dos seus creditos, que orçam por tres mil contos.

Esta resolução vae acarretar certamente grandes prejuizos para o Estado por terem de ficar muitos operarios sem poderem empregar a sua actividade. Os fornecimentos datam de mais de dois anos e com a desvalorisação da moeda são incalculaveis os prejuizos que causa uma tal morosidade.

Resolveram, pois, nomear uma comissão que procurará avistar-se com o ministro da Finanças, a quem vae expôr a sua situação. Se o Estado não tiver fundos nesta ocasião, prontificam-se a aceitar bilhetes do Tesouro de praso não superior a 90 dias.

A TARDE PARLAMENTAR

A Camara

APROVOU

um voto de sentimento

pela catastrofe de Campolide

O deputado sr. Sá Pereira deve apresentar ámanhã, na sua Camara, um projecto de lei que tem por fim moralisar os serviços publicos, obrigando os funcionarios ao cumprimento do seu dever e estabelecendo uma melhor distribuição de pessoal pelas varias secretarias do Estado.

No relatorio que precede o projecto, o sr. Sá Pereira acentua que, ao contrario do que se esperava com o advento do regimen republicano, a desordem nos serviços publicos tem aumentado, em condições lamentaveis para a disciplina e para a normalidade dos mesmos serviços.

Ha, incontestavelmente, uma grande percentagem de funcionarios publicos que cumprem o seu dever até ao sacrificio, mas a par desses existe uma verdadeira legião de servidores do Estado que só têm relações com o patrão no dia em que a tesouraria abre pagamentos.

Com a guerra, a situação agravou-se consideravelmente. Não contentes com aquilo que recebiam—e sabendo que tinham o ordenado certo no fim do mês—muitos lançaram-se na especulação comercial ou na exploração industrial, desinteressando-se por exemplo dos seus deveres burocraticos.

Acrescenta o sr. Sá Pereira que alguns desses funcionarios, a que se chama vulgarmente comerciantes milicianos, se aproveitam da circunstancia de estarem no segredo do que se passa nas secretarias ministeriais para fazerem os seus negocios—o que assume as proporções de um verdadeiro escandalo.

O projecto do sr. Sá Pereira é do teor seguinte:

Art. 1.º—São demitidos, sem direito a qualquer indemnisação, todos os funcionarios publicos, civis ou militares, que sejam comerciantes ou industriais, ainda que não tenham interferencia na gerencia das casas de que são socios.

Paragrafo unico—Exceptuam-se das disposições deste artigo aqueles que provarem que as casas comerciais ou industriais de que são proprietarios ou socios têm um capital inferior a 6.000$00 e que durante o ano anterior tenham sido assiduos ao serviço.

Art. 2.º—Nenhum funcionario poderá exercer mais de um logar, salvo quando nisso haja vantagem para o Estado e as horas destinadas ao serviço sejam diferentes e de forma que haja a certeza de que o funcionario póde cabalmente desempenhar-se das funções acumulaveis que lhe forem confiadas.

Paragrafo unico—Exceptuam-se das disposições deste artigo os cargos de eleição.

Art. 3.º—Todos os funcionarios do Estado, civis ou militares, contratados ou dos serviços autonomos, ficam obrigados, no prazo de 30 dias após a promulgação desta lei, a apresentarem por escrito, em papel selado e garantindo pela sua honra, qual a situação em se encontram em face do que fica legislado.

Paragrafo 1.º—Os funcionarios que no prazo indicado não satisfaçam esta formalidade serão logo demitidos.

Paragrafo 2.º—Se algum funcionario prestar falsas declarações, além de demitido, será punido com a pena de um a três anos de prisão e multa correspondente.

* * *

—Por este andar (são 15 e 30 e ainda não se fez a chamada) as sessões começam á meia noite.

Este comentario é de um deputado democratico, o sr. Tavares Ferreira, e caiu como a sopa no mel.

Na verdade, os trabalhos parlamentares estão sendo altamente prejudicados pela preguiça dos legisladores, que não ligam a minima importancia ás disposições horarias do regimento.

* * *

O caso da moção de confiança ao governo voltou hoje a ser tratado pelo sr. Cancela de Abreu.

Este deputado monarquico, depois de exprimir a sua consideração pelos representantes dos jornais, refere-se ao facto de alguns não terem relatado com inteira verdade o que ontem se passou no Parlamento. Lamenta que determinada imprensa de grande informação não seja tão imparcial como convinha aos interesses do Estado, preocupando-se demasiadamente com interesses particulares.

* * *

O sr. Tavares de Carvalho faz um verdadeiro «bouquet» de reclamações ao governo, tratando ao mesmo tempo da carestia da vida, da maneira como os exportadores de conservas fazem os seus negocios em moeda estrangeira, da venda de logares publicos—que não deve ser consentida, por principio algum—e do desastre de Campolide, que atribue á pessima fiscalisação da Camara Municipal.

Responde-lhe o sr. ministro do Comercio, em termos que satisfazem o deputado reclamante.

* * *

O desastre de Campolide provocou um discurso veemente do sr. Viriato da Fonseca, que pediu uma fiscalização energica, por parte das autoridades competentes, para que não voltem a produzir-se factos tão lamentaveis e de tão graves consequencias.

* * *

A Camara aprovou, por unanimidade, um voto de sentimento pela tragedia que esta madrugada se deu no bairro de Campolide, manifestando-se alguns oradores, energicamente, contra o desleixo criminoso a que são votadas as construções, por parte das autoridades que têm a seu cargo a fiscalização.

* * *

O sr. Jorge Nunes, falando da bancada democratica—o que não significa que tenha aderido ao partido da esquerda—interroga o sr. ministro da Instrução, na pessoa do sr. dr. Nuno Simões, ácêrca da abertura de um concurso para a cadeira de italiano do Conservatorio, em que não são exigidas habilitações literarias!

O sr. ministro do Comercio promete transmitir ao sr. Helder Ribeiro.

* * *

O sr. Velhinho Correia mandou para a mesa um projecto restabelecendo até 31 de Dezembro a lei n.º 373, de 2 de Setembro de 1915 e pela qual se fornecem ao poder executivo meios para manter a ordem e assegurar a vida administrativa do Estado e o regular funcionamento dos seus serviços; para remodelar esses serviços, diminuindo-os e simplificando-os, e reduzir os respectivos quadros, tanto quanto possivel, aos limites existentes em 1914.

Para organisar o regimen de vencimentos fixos e variaveis e as melhorias inherentes, dos militares e outros funcionarios do Estado, em harmonia com as disponibilidades do Tesov, e finalmente, para providenciar contra a carestia da vida, nos seus varios aspectos, e punir todos os actos de especulação tendentes a agravar as condições de existencia.

O poder executivo não poderá, em caso algum, usar das faculdades que a mesma lei lhe confere para aumentar a circulação fiduciaria ou as despesas e encargos do Estado.

* * *

O sr. ministro do Comercio mandou para a mesa uma proposta de lei em que se estabelecem as bases de um novo contrato para abastecimento de aguas á cidade de Lisboa.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17
R. DOS FANQUEIROS, 114

A POLITICA DO DIA

E' falso

QUE

SE PENSE

num novo governo

Com a mais acentuada das insistencias, têm alguns jornais denunciado a existencia de negociações entre democraticos e nacionalistas para derrubar o actual governo, que teria por sucessor um outro em que colaborariam elementos de um e outro partido, chefiado por um republicano de reconhecida imparcialidade partidaria e de qualidades intelectuais altamente categorisadas.

Podemos garantir que não correspondem esses rumores a quaisquer preparativos. Entre os homens dos dois partidos nada, absolutamente nada, está concertado. De resto, todos compreenderão a dificuldade num entendimento de tal ordem. A memoria de certos acontecimentos está ainda fresca e o nacionalismo pouco disposto a sacrificar-se mais uma vez ao P. R. P.—sofrendo nova scisão.

Mas não há fumo sem fogo. Qual o fogo, neste caso? Algumas conversas, meramente particulares, entre pessoas que, divididas partidariamente, no entanto estão ligadas por velhas amisades. Indicios publicos, não se distinguem. Emprestando-se-lhe abusivamente essa categoria de indicio, apenas há o facto de o sr. Ginestal Machado, na ultima reunião dos parlamentares nacionalistas, entre outras ter colocado a hipotese governamental referida. E fê-lo ainda porque há jornais que dela falam. Pois todos os presentes, unanimemente, a repudiaram.

Já vêm...

* * *

Que hão-de, pois, fazer os nacionalistas? Em que condições desenvolvem a sua acção?

Fizemos estas preguntas a um marechal do partido, antigo ministro e deputado ao presente. Ele disse-nos:

—A politica decorre em condições anormais. Os nacionalistas encontram-se ante este dilema: ou fazer obstrucionismo ante o que de imbecilmente criminoso teem as medidas com que se pretende salvar o país, e serem objecto de faceis companhas que os acusem de traidores á Patria; ou ficarem silenciosos, inertes, permitindo, com o apoio da sua passividade, o sancionamento desse crime...

—Abandonam, então, o Parlamento?

—E' dificil responder-lhe. Impossivel quasi. Mas...

—?

—Se colectivamente não se tomou essa resolução, esteja certo de que, a persistir a actual orientação politica, que é uma cousa inclassificavel, incompreensivel, nós, um por um, pouco a pouco, irresistivelmente dominados pelo tedio, pela repulsa da situação em que cahimos, iremos embora!

—Não será pessimista?

—Não. A maior felicidade para o país seria que, constitucionalmente, o mandato parlamentar acabasse este ano. Não sucede assim. E como as circumstancias se congregam para impôr a anulação desse mandato, essa anulação terá de ser violenta...

* * *

A maneira como epilogou a gréve do funcionalismo, veio fortalecer singularmente o ministerio. O grupo que, dentro da maioria, trabalha surdamente contra ele, esperava da gréve a desejada oportunidade. A sua espectativa ficou lograda. E agora ha que recomeçar a teia...

Antonio Cañero

OBTEM UM NOVO TRIUNFO

SALAMANCA, 18.—Realizou-se a corrida em beneficio da União Desportiva Espanhola, em que tourearam Marcial e Pablo Lalanda e Algabeño. Antonio Cañero rojoneou e matou um touro, sendo ovacionado e obrigado a dar duas voltas á praça entre aclamações.—(E.)